



A INFANCIA NOS ALBORES DA MODERNIDADE

Sheyla Balbo BELENTANI

Faculdade do Noroeste Paranaense/Curso de Pedagogia – Nova Esperança – Pr

Zelia Leonel - Universidade Estadual de Maringá

RESUMO:

Este trabalho tem o propósito de sustentar, por meio de outra concepção teórico-metodológica e outras fontes, a tese de Philippe Ariès de que o sentimento de infância data dos séculos XVI- XVII. O estudo desse período é relevante porque parte do pressuposto de que as transformações pelas quais passa a infância hoje podem ser desvendadas com mais profundidade à luz das transformações da época que lhe deu origem. Pretende-se assim, discordar, em parte, das críticas feitas ao trabalho de Áries e, ao mesmo tempo, manter essa questão de interesse geral em discussão, sobretudo no Curso de Pedagogia que se ocupa da educação infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Origem da Infância - História da Educação Infantil - Infância e Modernidade

Objetivos:

- a) Fundamentar a tese de Áries nas necessidades humanas advindas das novas relações de produção da vida material.
- b) Identificar no pensamento da época a concepção de infância pensada para um mundo em transformação.
- c) Explicitar os limites teóricos-metodológicos dos estudos de Philippe Áries.

Metodologia:

Trata-se de um estudo bibliográfico sobretudo com base em obras clássicas produzidas no período estudado ou de obras que falem daquele período tendo como pressuposto a



tese de que a idéia que os homens fazem sobre eles mesmos enquanto transformam o mundo à sua volta e se transformam tem muito a nos dizer. Essas idéias, no entanto, não são simples reflexos do mundo material, por isso devem passar pelo crivo da história tendo como critério de verdade a prática social já realizada.

Conclusão:

Dessa maneira, sabendo que o tema Infância, é questão de estudos e pesquisas e um campo que ainda deixa lacunas, e que, as discussões acerca do silêncio histórico ao qual a criança estivera submetida durante séculos, hoje nos trás a necessidade de entender a origem para melhor entender a questão da infância atual.

Portanto, diante disso, sustentamos a tese de que as transformações pelas quais as crianças vêm passando na atualidade serão melhor compreendidas quando comparadas com as mudanças sofridas em meio as transformações que marcaram a passagem da sociedade feudal para a sociedade moderna.

1 INTRODUÇÃO

“Meu filho de 15 anos leva a namorada para dormir em casa e fico constrangido com a situação, mas acredito que, se impedir, vou me afastar dele”.

São comuns pais internautas pedirem orientação porque não sabem lidar com os filhos. Eles percebem que aquela educação que recebeu não funciona mais com as crianças de hoje e que são visíveis as diferenças entre a educação praticada hoje e a de outrora. No entanto, confessam-se despreparados frente ao desafio de educar e órfãos de concepções educacionais a serem seguidas, contando unicamente com a educação que receberam como referência.



Não se sabe muito bem de que lado o vento sopra empurrando uma grande onda, mas se antes só havia certezas agora reina a dúvida. Os padrões culturais de um passado recente deixam de ser referência enquanto que o amanhã parece incerto, imprevisível.

E em meio a tantas transformações profundas o conceito de família, tal como aparece no Dicionário Aurélio: “pessoas aparentadas, que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos”p.(289) perde seu significado ao confrontar-se com o mundo real dos homens. No mesmo dicionário p. (187) o conceito de criança, “ser humano de pouca idade [...] pessoa ingênua, infantil: não desconfia de nada” também, é coisa do passado. (FERREIRA, 1988).

Essas novas constituições familiares com pais atônitos e filhos precoces fazem parte desta mudança. As novas famílias são distintas das famílias tradicionais e dão origem a grupos familiares complexos onde as relações entre seus integrantes passam pelo desafio de criar algo novo.

Uma vez desencadeado o processo de transformação a mobilização é geral. Os homens se enfrentam em direções opostas: os que vão à frente desafiando o estabelecido e os que querem fazer valer as tradições. A criança é diretamente afetada por essas transformações e por conseqüência a escola, daí a necessidade de conhecer a criança, objeto da ação e da reflexão escolar e objeto, também, desse estudo.

Observa-se que a preocupação com a infância, tanto na esfera nacional como internacional, se intensificou nas últimas décadas. São inúmeros os organismos nacionais e internacionais, em rede, que se ocupam das mais diferentes questões relacionadas à infância, como: violência (física, psicológica, sexuais), enjeitamento, adoção, aleitamento, desnutrição, rejeição, fortalecimento dos laços familiares, seqüestros, trabalho infantil, drogas prostituição, pedofilia, violência doméstica, criança em ambiente de risco, entre outros. Esse movimento mundial em favor da criança é recente e tem seu marco histórico na Declaração dos Direitos da Criança, aprovada pelas Nações Unidas, em 1989.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Do alto posto que ocupa, de chefe da seção médica do Goetheanum Dornach, na Suíça, Michaela Glockler fala do resultado a que chegaram os profissionais das múltiplas áreas numa série de conferências nos Estados Unidos sobre o desenvolvimento infantil: “a humanidade alcançou hoje um nível tão alto de pesquisas para conhecer o que é bom ou ruim para o desenvolvimento infantil, que o problema agora não é conseguir mais conhecimentos (sobre a criança), mais aplicar o que já sabemos. Sabemos, por exemplo, que na tenra infância nosso cérebro é extremamente sensível e receptivo, e tudo o que vem a atenção da criança imediatamente estimula a maneira de como o cérebro se desenvolve. Mas a realidade é que as crianças ainda estão sendo negligenciadas, ainda estão sentadas em frente da televisão, ainda estão usando brinquedos que não são próprios para um real estímulo do cérebro, que as crianças não estão sendo ativadas suficientemente, pois ser ativo e ter habilidades é o melhor para o desenvolvimento do cérebro.” (GLOCKLER, 2001).

Esta tese é representativa da vertente dominante no mercado sobre a criança e serve de ponto de partida dos estudos sobre a infância. Ela parte do pressuposto de que existe ciência suficiente para atendimento da infância embora a condição social impeça acesso a ela. Assim, não existe uma criança, mas tantas crianças quantos são os problemas que afetam seu universo e são tratadas pelas suas diferenças. Desse modo, o voluntariado da infância define qual é a sua missão, qual grupo irá atender para então traçar programas compensatórios específicos.

A crítica de que esses programas são apenas compensatórios e de abrangência limitada anuncia a existência de uma outra vertente de análise sobre a infância, com base no entendimento de que a desigualdade de classes é inerente à sociedade capitalista e a exclusão social, alimentada pela entrada da tecnologia na produção, é irreversível. Essa vertente, ainda pouco explorada, busca o entendimento histórico da infância e se preocupa com as transformações pelas quais a infância vem passando no sentido de compreender o que há de universal nessas transformações independentes da classe social. Desse ponto de vista o conhecimento da infância está para ser produzido. Destacam-se nesta vertente A História Social da Criança, do francês Philippe Ariès, e o

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Desaparecimento da Infância, do americano Neil Postman. Apesar de suas diferenças, que não são poucas, suas teses parecem ter uma continuidade histórica: enquanto Ariès, com base na iconografia da época, defende a tese de que a infância é uma invenção dos séculos XVI-XVII, quando a criança passa a diferenciar-se do adulto, Postman mostra que, no século XXI, a infância está desaparecendo na medida em que essa diferença é eliminada. O principal argumento desse autor está na eliminação da barreira entre a criança e o adulto pelo desenvolvimento da sociedade tecnológica com acesso irrestrito da criança à informação. Antes, a imprensa tipográfica havia separado esses dois mundos, definindo o papel da escola e o da família com relação à criança. A criança não tinha acesso ao que era escrito para o adulto. Hoje, ao contrário, a criança, assim como o adulto, porta celular, agenda, vai ao cabeleireiro, sofre stress, usa drogas, consome álcool e inicia suas atividades sexuais cada vez mais cedo.

Este estudo faz parte dessa segunda vertente e integra a linha de pesquisa HISTÓRIA E INFÂNCIA vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Noroeste Paranaense – FANP com o objetivo de estimular a pesquisa histórica sobre a infância. Do ponto de vista metodológico, parte-se do pressuposto de que as transformações pelas quais a criança vem passando na atualidade serão mais profundamente compreendidas quando confrontadas com as transformações no processo do trabalho que marcaram a passagem da sociedade feudal para a sociedade moderna.

A constatação de Philippe Áries de que a consciência sobre a infância data do séc. XVII representa um grande avanço nesse sentido, mas sua concepção metodológica, aplicada as fontes de pesquisa por ele utilizadas, tornou sua tese vulnerável a crítica, no entanto, não é objetivo deste estudo criticar o trabalho de Áries, mas, manter os séc. XVI-XVII como marco histórico da infância tal como é entendida ainda hoje, fundamentar sua tese em outras bases e projetar luzes para se pensar a infância na atualidade.

Trata-se de um estudo bibliográfico, sobretudo, com base em obras clássicas produzidas no período estudado ou de obras que falem daquele período tendo como pressuposto a

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

tese de que a idéia que os homens fazem sobre eles mesmos - enquanto transformam o mundo à sua volta e se transformam - tem muito a dizer sobre as transformações atuais.

2 A TESE DE ARIÈS E SEUS DETRATORES

Sentimento de infância corresponde a uma consciência da particularidade infantil.

Philippe Ariès é considerado o precursor do estudo da infância de uma perspectiva histórica. O livro “A História Social da Criança e da Família”, tem sido referência obrigatória nos estudos realizados sobre a infância desde sua publicação em 1960. Com esse título de “precursor” dado a Ariès concorda Moysés Kuhlmann Júnior, da Fundação Carlos Chagas, ao resenhar o livro de Colin Heywood “ Uma História da Infância: Da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente”.

Passaram-se mais de 25 anos ao longo dos quais a obra de Philippe Ariès, História Social da Infância e da família, foi traduzida no Brasil e reinou quase solitária como referencia para a história da infância ocidental. A publicação do livro de Colin Heywood permite aos leitores brasileiros o acesso a uma competente síntese do avanço dos estudos sobre o tema em alguns países europeus e nos EUA. (KUHLMANN JÚNIOR, 2005).

A primeira edição brasileira da História Social da Criança é tradução de uma versão francesa de 1973, um resumo do estudo original publicado em 1960. Esta edição de 1973 ganhou também o acréscimo de um prefácio do autor, no qual ele traz um balanço das repercussões que seu trabalho despertou e aponta que:

A história das mentalidades é sempre, quer o admita ou não, uma história comparativa e regressiva. Partimos necessariamente do que

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

sabemos sobre o comportamento do homem de hoje, como de um modelo ao qual comparamos os dados do passado – com a condição de, a seguir, considerar o modelo novo, construído com o auxílio dos dados do passado, como uma segunda origem, e descer novamente até o presente, modificando a imagem ingênua que tínhamos no início (ARIÈS, 1981, p.26).

Ariès desenvolveu estudos com base em fontes historiográficas da Idade Média que buscavam analisar, por meio de uma multiplicidade de documentos, a vida e os costumes das populações francesas. Para esse historiador os documentos que foram objeto de seus estudos apresentam importantes informações para o entendimento do período em questão. Assim, Áriès, seguindo a trilha encontrada nos retratos, fotos, diários e músicas, focou sua atenção nas imagens e fez delas um importante instrumento para desvendar a infância na sociedade medieval.

A descrição dos retratos familiares na arte medieval levou Ariès a concluir que a criança estava ausente na arte medieval e até o século XII a arte medieval não representava a criança. Os retratos, quase todos datados, representavam homens, mulheres, casais e personagens importantes da época, mas raramente crianças. Nas poucas vezes que encontrou alguma criança observou que apresentavam os mesmos traços do adulto, incluindo as vestimentas. A única diferença era a representação em escala menor. A criança estava tão ausente nesta sociedade que dificilmente era modelo de um retrato, ou seja, nunca era retratada como uma criança real. Assim, logo Ariès concluiu que era “difícil crer que essa ausência se devesse a incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.” (ARIÈS, 1981, p.50).

As crianças recém nascidas não eram consideradas integrantes da família até que chegassem a uma determinada idade. Normalmente as crianças morriam em grande quantidade¹. Eram inúmeras as causas das mortes dos recém nascidos, sendo uma delas

¹ É importante salientar que Badinter (1985) em seu livro Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno apresenta dados da França nos séculos XVII e XVIII, indicando que a morte da criança é coisa

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

as condições precárias da época caracterizada pelas más condições de higiene que resultavam na infestação de várias doenças em consequência da fome que atingia o país.

Ariès afirma que não se tinha consciência da fragilidade das crianças nos primeiros anos de vida, assim, não era habitual um tratamento diferenciado a elas dificultando ainda mais sua sobrevivência. As mortes por infanticídio que, mesmo ignorado, acontecia em segredo no seio das famílias medievais, apresentavam-se na forma de acidente. A morte prematura de crianças não causava dor e nem sofrimento, pois era vista como um acontecimento passageiro e natural. Acreditava-se que logo outra criança viria para substituir aquela perda:

A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade. (...) Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era de não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair do anonimato. (ARIÉS, 1981, p.10).

Assim que ultrapassassem essa fase de risco e sobrevivessem a tais condições sem depender dos cuidados da mãe ou das amas eram consideradas adultas e misturadas em meio a eles fazendo parte do dia-a-dia. A infância se resumia na fase em que as crianças eram consideradas seres frágeis na qual necessitavam extremamente da ajuda adulta. A dependência da criança nos primeiros anos de vida era o único critério que as distinguiu dos adultos nas sociedades medievais. Ressalvo a isso, participavam das festas, jogos, reuniões e brincadeiras e utilizavam-se das mesmas linguagens, dos mesmos hábitos e comportamentos dos adultos, enfim, essa convivência transmitia às crianças um modelo a ser seguido e a presença constante junto aos adultos propiciava a aprendizagem dos menores:

banal, com taxa superior a 25% para crianças com menos de um ano. No conjunto da França, a taxa de mortalidade infantil é, a título de exemplo, de 27,5% de 1740 a 1749 e de 26,5% de 1780 a 1789.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude... (ARIÈS, 1981, p. 10).

Diferente da noção de infância que se tem hoje, na Idade Média as idades da vida, designando a natureza humana, estavam divididas em sete, correspondendo ao número de planetas. A primeira idade era conhecida como infância e era caracterizada pelo nascimento dos dentes e pela fala. Essa etapa vai do nascimento até os sete anos. Posteriormente, vem a segunda idade conhecida por pueritia e vai até os 14 anos. Em seguida, tem início a terceira idade e é conhecida como adolescência que vai até os 21 anos podendo estender até os 35 anos. Nessa etapa a pessoa pode procriar. Em seguida, vem a juventude que vai até os 45- 50 anos. A senectude fica entre a juventude e a velhice. A sétima e última das idades da vida é a velhice que vai até a morte.

Contudo, Ariès ressalta o surgimento de um novo sentimento no final da idade média, chamado de paparicação, que anuncia o sentimento moderno da infância. Surge primeiro no ambiente familiar e depois se estende ao povo em geral. Os adultos já não hesitam e demonstram o quanto os pequeninos com seu jeito peculiar os atraíam em virtude da graça e da ingenuidade. Todos da família se reuniam em torno deles. Nesse primeiro momento a criança é tida como um animalzinho de estimação que lhes proporcionavam prazer e distração, no entanto, ainda não lhe era dado praticamente nenhuma importância. “As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico.” (ARIÈS, 1981, p. 10).

No entanto, esse novo sentimento despertado na transição da família medieval para a família moderna, gerou o sentimento de repúdio à paparicação. Ignorava-se a criança tida como um brinquedinho que servia de entretenimentos para os adultos. Os religiosos perceberam que as crianças não poderiam servir apenas de distração prazerosa e ser

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

papariçada daquela maneira pelos adultos e concluíram que elas necessitavam de uma atenção especial que fosse além das paparições.

Teve início com os eclesiásticos, um segundo sentimento com relação à infância que era a tomada de consciência da fragilidade e inocência das crianças. Passaram a vê-la como uma frágil e pequenina criatura de Deus que necessitava de cuidados especiais, como: saúde, higiene e o dever dos adultos de preservá-las. Além disso, percebeu-se na criança uma fonte de disciplina.

A necessidade de melhor conhecer esse período e corrigir as imperfeições demonstravam que a criança estava sendo despertada do estado de anonimato do qual esteve durante séculos e assumindo um novo lugar na família. Esses acontecimentos podem ser verificados na arte:

A criança agora era representada sozinha e por ela mesma: esta foi à grande novidade do século XVII. A criança seria um de seus modelos favoritos. [...] Cada família agora queria possuir retratos de seus filhos, mesmo na idade em que eles ainda eram crianças. Esse costume nasceu no século XVII e nunca mais desapareceu. (ARIÈS, 1981, p. 60-61).

Ariès destaca que foi no final da Idade Média que apareceram os primeiros sinais do sentimento de infância. Ressalta também a importância do século XVII na evolução do sentimento de infância. Foi nesse século que várias obras passaram a conter crianças sozinhas nos retratos. Além disso, neste mesmo século os retratos de família, como dito anteriormente, destacavam as crianças.

Observa, também, que no século XVI a alma deixou de ser representada com a forma de criança como havia sido até então e passou a ser representada por ela mesma, além disso, a partir deste momento tornou-se notável o grande número de retratos representando crianças vivas e mortas. A morte passa a ser sentida e também representada. Esse foi um momento marcante na história dos sentimentos. A morte passou a ser recebida com sentimento de tristeza e dor.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Mostrando um pouco mais de resistência que os retratos, foi somente no século XVI que os calendários, que traziam as representações sucessivas dos meses do ano, passaram a colocar a criança em suas cenas. Assim como deu lugar a outros novos personagens como a mulher. Ariès destaca que a presença da criança nos calendários indicava progresso no sentimento da infância.

Um fato também decisivo, segundo Áries, pode ser notado na privatização da vida familiar. A família francesa medieval cultivava o hábito de exposição da vida no coletivo passando grande parte de seu tempo em praças e ruas e as casas seguiam essas mesmas regras de tal forma que as portas faziam as ligações entre todos os cômodos. O novo modelo das casas oferecia a independência dos cômodos de tal forma que as portas abrindo para os corredores garantiam a privacidade dos moradores.

Finalmente, é possível comprovar a partir desse século a existência de uma infância distinta do adulto tendo em vista a seriedade com que se passou a tratar o traje das crianças. Havia preocupação em diferenciar o traje infantil do traje adulto.

No século XVII, entretanto, a criança, ou ao menos a criança de boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguiu dos adultos. Esse fato essencial aparece logo ao primeiro olhar lançado às numerosas representações de crianças do início do século XVII. (ARIÉS, 1981, p. 70).

Essa constatação de Ariès da ausência do sentimento de infância e da posterior consciência de um período distinto da vida adulta, é uma clara demonstração do novo lugar assumido pela criança e que, segundo ele, podem ser acompanhadas pela história da iconografia.

Depois de tantas evidências, Ariès formulou sua tese nos seguintes termos.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 1981, p. 65).

Com essa tese, Ariès atraiu para si inúmeros críticos, sobretudo, historiadores e fazendo isso não só manteve a infância em discussão como deu um grande impulso ao estudo desse objeto da perspectiva histórica. No seu livro, *Uma História da Infância* diz que Ariès é acusado por seus críticos de ingenuidade no trato das fontes históricas, e é visto, por alguns deles, como um historiador amador de fim de semana.

Entre os detratores de Ariès, Heywood, destaca como o mais sistemático Adrian Wilson e, segundo o qual, Ariès está crivado de falhas lógicas e catástrofes metodológicas. Além disso, foi acusado entre outras, de ingenuidade no trato das fontes históricas. Também Jean-Loui Flandrin mostra preocupação com relação à fragilidade do método de análise de Ariès. (FLANDRIN, apud, HEYWOOD, 2004, p. 24).

Seguindo a mesma orientação crítica, Anthony Burton ressalta que Ariès ao afirmar que até o século XII a arte medieval não tentou retratar a infância, indicando que não havia lugar para ela em sua civilização, ignorou que essa ausência da criança pode estar ligada a questões religiosas. Pois, segundo ele, a concentração nos temas religiosos fez com que muitas outras coisas estivessem ausentes, notadamente quase toda a vida secular. O que impossibilita que se isole a criança como ausência significativa. (BURTON, apud, HEYWOOD, 2004, p.25).

O historiador americano David Archard acredita que no mundo medieval possa ter existido algum conceito de infância distinto do nosso por esse motivo não o reconhecemos. Desclais Berkuam segue a mesma linha de raciocínio.

Colin Heywood (2004) ele próprio, no seu livro, crítica Ariès. Ao estudar as mudanças nas concepções de infância da Idade Média à época Contemporânea ele o faz de uma



perspectiva multiculturalista considerando as diferentes formas de pensar essa etapa da vida. Na visão deste autor, a criança é um construto social que se transforma com o passar do tempo e, não menos importante, varia entre grupos sociais e étnicos existente no interior de uma mesma sociedade. No primeiro capítulo de seu livro, ao abordar as concepções de infância na Idade Média, faz críticas diretas ao trabalho de Áries. Segundo ele, o caráter vago da análise feita por ele fez com que sua tese se tornasse alvo de muitas críticas.

Na esfera nacional de crítica a Áries, o destaque vai para o Professor de História Medieval da UFES, Ricardo da Costa. Como fiel conhecedor da história medieval, Costa enfatiza que é ignorância pensar em Idade Média como um tempo vazio ou tempo perdido e questiona alguns autores a respeito de certas afirmações sobre a história desse período. Concorda com Áries quando afirma que não encontrou a criança na arte, mas discorda da afirmação, segundo ele precipitada, de que o sentimento de infância é um produto da cidade e da burguesia.

Costa argumenta que a História registra sempre o que se veste, onde se vive, o que se come, mas dificilmente narra como se ama, especialmente a intensidade e a forma do amor. Nesse sentido, as trilhas seguidas por Áries e outros pesquisadores dificilmente iriam oferecer-lhes um entendimento sobre a criança, pois, praticamente todos os documentos encontrados relatam acontecimentos com personagens importantes das classes dirigentes. Ele fala de documentos que comprovam o apego dos pais aos filhos na sociedade aristocrática rude e cruel, apesar do elevado número de mortalidade infantil. Esse sentimento de amor materno pode ser compreendido nas palavras de Fredegunda, concubina e depois esposa do rei da Nêustria Chilperico (539-584) uma das mulheres mais cruéis da história. Ela lamenta, com tristeza, a morte de seus filhos.

Nós perdemos algumas criancinhas encantadoras e que nos eram queridas, a quem nós havíamos aquecido em nosso peito, carregado em nossos braços ou nutrido por nossa própria mão, lhes administrado os alimentos com um cuidado delicado. (COSTA, 2008).

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

O sofrimento de Fredegunda com a morte de seus filhos traz a constatação de que realmente existia, pelo menos por parte da aristocracia, um grande apego aos filhos. Não se deve esquecer que o papel da criança sempre foi definido pelo papel do adulto.

Costa lembra da presença dos sacerdotes na educação das crianças e a preocupação deles com prática do infanticídio. Os monges criaram o jardim de infância nos próprios mosteiros para receber as crianças, fornecer alimentação e educação visando o amor e a serenidade. Nesse sentido, enquanto os bispos lutaram contra a prática do infanticídio os monges ofereciam educação e disciplina voltada para uma formação ética da criança.

Os mosteiros, se opondo à pedagogia praticada pelos bárbaros, defendiam a idéia de desenvolvimento desde cedo na infância e pregavam o Amor e a serenidade além da educação e dos cuidados necessários que elas necessitavam.

É possível que existam muitos outros críticos de Áries além desses, mas a motivação desse estudo não é a crítica à sua tese, pelo contrário é contribuir no sentido de confirmá-la tendo em vista outras fontes e outros argumentos. É o que será demonstrado no próximo capítulo.

3 PARA UMA NOVA SOCIEDADE: UMA NOVA INFÂNCIA

“Não se conhece a infância; no caminho das falsas idéias que se têm quanto mais se anda mais se fica perdido.[...] Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem.”

ROUSSEAU

Neste capítulo, a tese de Áries, sobre a descoberta da infância no século XVII, será sustentada, não pela negação da infância entre os medievais com base na iconografia,

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

mas pela invenção da infância burguesa no início da idade moderna com base no pensamento dos clássicos. Para sustentar essa tese parte-se do pressuposto de que as idéias que os homens fazem de si mesmos estão vinculadas ao modo como eles se organizam para produzirem sua existência material. A idéia de infância, portanto, está ligada às transformações dos séculos XVI e XVII, quando a forma feudal de organização dos homens produziram sua existência deu lugar à forma capitalista.

O historiador e político Aléxis de Tocqueville (1805- 1859) destaca-se na interpretação dessas transformações. Sua luta pela democracia francesa, na Câmara dos Deputados daquele país, em meados do século XIX, enfrentava, de um lado, a velha classe aristocrática e, de outro, a nova classe operária. Com o objetivo de estudar o sistema presidiário Tocqueville foi enviado para os Estados Unidos, mas se interessou pela democracia norte-americana que desse lado do Atlântico não tinha os inimigos que existiam na Europa. Em seu livro “A Democracia na América”, usa o método comparativo para mostrar as diferenças entre a sociedade feudal e a sociedade moderna decorrentes das transformações profundas que ocorreram no modo de produzir a existência material, com implicações na forma da propriedade, da família e da educação.

(Nas sociedades aristocráticas) em que a lei das sucessões é fundada no direito da primogenitura, os domínios territoriais passam, mais freqüentemente, de geração em geração, sem se dividir. Daí resulta que o espírito de família se materializa, de certo modo, na terra. A família representa a terra, a terra representa a família; perpetua seu nome, sua origem, sua glória, seu poder e suas virtudes. Faz-se monumento imperecível do passado e precioso penhor da existência futura. (TOCQUEVILLE, 1998 p.46).

É importante observar como Tocqueville não desvincula a propriedade da família e da forma dos homens existirem na sociedade feudal para, depois, mostrar a subversão daquela ordem quando se passa para a sociedade burguesa. Tanto na velha como na nova ordem social o autor não fragmenta a realidade, pelo contrário, o que os homens fazem e o que os homens pensam formam uma totalidade. É uma questão de método



que resulta numa perspectiva diferente de perceber a família e, conseqüentemente, a criança.

O modo como a sociedade feudal estava organizada estabelecia relações de dependência entre os homens sendo que o poder estava nas mãos dos grandes proprietários de terras. O economista Adam Smith (1723-1790), ao dizer que na sociedade medieval “ não havia terra sem senhor e nem senhor sem terra” (p. 325) resume a vida daqueles homens. Assim, quanto maior fosse a extensão de terras mais poder o homem concentrava. A grande maioria dos homens vivia na dependência material de poucos senhores, que por sua vez eram responsáveis por várias gerações da família e pelo contingente de pessoas que viviam em suas terras.

Esses homens que viviam nas terras sob os domínios dos senhores feudais junto com toda sua família elaborava e produzia o que era necessário para a existência de todos. Predominava a vida no campo, mas nas pequenas cidades ou burgos viviam os artesãos, proprietários dos meios de produção, assim como do trabalho e do produto final. Os medievais produziam para atender suas necessidades e trocavam o excedente, a troca, portanto, era exceção. É a intensificação da troca que irá revolucionar o modo de produção e dar origem à sociedade capitalista.

Observa-se então que a reprodução da sociedade medieval era garantida pela lei da Sucessão e do morgadio que impediam que as terras fossem comercializadas ou divididas. A lei garantia que as terras fossem herdadas pelo primogênito assegurando desta forma que elas ficassem na própria família durante varias gerações.

Adam Smith, o pai da economia, entende que a necessidade dessa lei corresponde ao momento em que a terra passou a ser considerada não somente como meio de subsistência mais também de poder e de proteção.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Considerando que o primogênito era o único filho legalmente reconhecido perante as leis aristocratas a educação dessa sociedade também era destinada unicamente ao futuro chefe da família. Independente do número de filhos que uma família viesse a ter era o filho mais velho, o primogênito, que deveria ser preparado para herdar as terras e assumir o papel do pai quando ele viesse a faltar. A lei de sucessão lhe garantia esse direito e esse direito garantia a reprodução da sociedade, a esse respeito Tocqueville nos diz que:

Na família aristocrática, o mais velho dos filhos, herdando a maior parte dos bens e quase todos os direitos, torna-se o chefe e até certo ponto, o senhor de seus irmãos. Dele são a grandeza e o poder, deles são a mediocridade e a dependência. Todavia, seria falso crer que, nos povos aristocráticos, os privilégios dos mais velhos não fossem vantajosos senão para ele apenas, e que não excitassem em torno dele senão a inveja e o ódio. O mais velho em geral se esforça por proporcionar riqueza e poder aos seus irmãos, porque o brilho geral da casa vai cair sobre aquele que a representa; e os mais novos procuram facilitar ao mais velho todos os seus empreendimentos, porque a grandeza e a força do chefe da família colocam cada vez mais em situação de elevar todos os seus ramos. (TOCQUEVILLE, 1998, p. 449).

Essas palavras de Tocqueville expressam bem o significado de uma determinada sociedade que tinha a educação dirigida e pensada apenas para o primogênito deixando os outros filhos sem existência individual. A reprodução da sociedade feudal é um claro exemplo que colabora com a tese de Áries da inexistência do sentimento de infância, de que a dependência material e as relações de poder que essa dependência determinava anulavam a existência individual de praticamente todos os indivíduos da sociedade.

No que diz respeito às relações familiares essas eram marcadas pelo respeito, e pela submissão. A autoridade do pai fazia com que a família permanecesse toda ao seu redor e mais ainda na sua dependência econômica (anulando a existência dos outros membros da família), como Tocqueville esclarece:

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Entre os povos aristocráticos, a sociedade não conhece, na verdade, senão o pai. Só recebe os filhos pelas mãos do pai; governa-o, e ele os governa. Assim, o pai não só possui um direito natural; tem também o direito político de comandar. É o autor e o sustentáculo da família, e é também o seu magistrado. (TOCQUEVILLE, 1998, 447).

Na passagem para a sociedade burguesa as mudanças serão profundas, como Tocqueville mostra nesse excerto.

(Nas sociedades democráticas) a lei de sucessões, que estabelece partilha igual, destrói a ligação íntima que existe entre a família e a conservação da terra. Ao agir sobre a coisa, age sobre o homem; ao agir sobre o homem chega até a coisa (...) consegue atacar profundamente a propriedade da terra e fazer desaparecer com rapidez tanto as famílias como as fortunas. (TOCQUEVILLE, 1998 p.46-47).

Segundo Marx, a história da Inglaterra, nos séculos XVI-XVII, é considerada o exemplo clássico dessa subversão. Tudo começou com o violento processo de expropriação dos camponeses e, em menos de um século, esse processo trouxe mudanças radicais no cenário da época. O aumento dos preços da lã, incentivado pelo aumento do consumo, gerou uma verdadeira corrida pela criação de ovelha.

Rapidamente as lavouras foram substituídas pelas pastagens e as ovelhas ocuparam as terras que antes pertenciam aos homens. Foi assim que um grande número de camponeses, de uma hora para outra, se tornaram massas de trabalhadores “descartados” sem moradias e sem trabalho. Na tentativa de conter esses homens a legislação buscava por meio de torturas discipliná-los como se fossem vadios por vontade própria, enquanto eles tinham na esmola o único caminho para garantir a sobrevivência.

Essa expropriação marca um momento importante na história que é a mudança na forma dos homens se organizarem para produzir sua existência. Ou seja, a passagem da forma feudal em que os homens são proprietários dos meios de produção ou estão sob a proteção de um senhor para a forma capitalista onde os meios de produção e o produto

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

do trabalho pertencem aos proprietários enquanto que a classe trabalhadora tem apenas a força de trabalho para vender.

As conseqüências dessas mudanças na educação foram sistematizadas pelo sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917).² Em “A Evolução Pedagógica”, esse sociólogo, ao contrário do otimismo pedagógico atual de que a educação pode mudar o mundo, reforça a tese de que mudanças profundas na educação expressam profunda subversão nas relações sociais. Argumenta que o pensamento educacional moderno começa a ser reformulado no bojo das transformações e tendo em vista as novas exigências. Pretendendo formar o indivíduo que foi “libertado” em um indivíduo livre com uma educação que forneça a ele os subsídios e a base para produzir sua existência. Acreditando no desenvolvimento de suas forças individuais para a produção da vida individual e social, assim segundo ele:

... uma transformação pedagógica sempre é a resultante e o sinal de uma transformação social que a explica. Para que um povo sinta, num determinado momento, a necessidade de mudar seu sistema de ensino, é preciso que venham à tona idéias e necessidades que o antigo sistema não satisfazia mais. Mas essas idéias e necessidades, por sua vez, não nascem do nada, por que após terem sidos ignorados durante séculos, elas surjam repentinamente na mente, é preciso, entretanto, haver algo que tenha mudado, e essa mudança é que elas expressam. (DURKHEIM, 1995, p. 160).

Essas épocas de profundas transformações não acontecem sem lutas e sem sofrimentos do novo contra o velho. Essas lutas estão presentes nos escritos de Michel Montaigne (1533-1592). Ao contrário do deputado francês que fala da história passada, Montaigne

² Durkheim vivenciou e participou de grandes acontecimentos de sua época e que acabaram marcando suas obras. Embora tivesse formação socióloga sua obra é uma reprodução de um curso de Pedagogia ministrado por ele próprio, sobre a *História do ensino na França* em 1904-1905.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

vive a história enquanto ela acontece no período de transição em que a sociedade feudal se desagrega e a sociedade moderna começa. Nesse contexto, presenciou as mudanças que ocorreram na sociedade e nas famílias. Em um de seus ensaios, chamado *Da Afeição dos Pais Pelos Filhos*, se dedica a escrever sobre a crise nas relações entre pais e filhos e aconselhar os pais sobre como proceder.

Montaigne crítica a forma rigorosa que os pais utilizam para manter a postura autoritária, em desacordo com os novos tempos, sobretudo, o uso da violência e se posiciona:

Sou inteiramente contrário a qualquer violência na educação de uma alma jovem que se deseje instruir no culto da honra e da liberdade. O rigor tem algo de servil e acho que o que não se pode obter pela razão, a prudência, ou a habilidade, não se obtém jamais pela força. (MONTAIGNE, 1984, p. 183).

Montaigne deixa registrado que as relações entre pais e filhos passavam pelo princípio da autoridade. Esse mesmo princípio ordenava o todo social, perpassava todas as relações entre os homens e garantia a existência daquela sociedade. Mas, no seu tempo, a violência e a força estavam perdendo terreno nas relações entre os homens e Montaigne advoga em favor de relações mais brandas que são relações de afeição. Na pequena família burguesa que nascia, formada por pai, mãe e filhos, todos são livres e independentes e a unidade entre seus membros se fará por relações de afeição e não mais por dependência material. A criança ficará por pouco tempo na dependência dos pais o que explica o cuidado e interesse pela sua educação desde o seu nascimento.

Com boas maneiras procuraria desenvolver em meus filhos uma afeição sincera e impregnada de benevolência para comigo, o que não é difícil conseguir com gente de bons sentimentos. (MONTAIGNE, 1984, p.185).



O filósofo mostra por meio de exemplos da época o enfraquecimento da autoridade dos pais sobre os filhos. Os filhos tentavam se libertar do pai na mesma medida em que os pais tornavam-se mais severos, numa demonstração clara de que a violência aumenta com a perda da autoridade.

Um outro exemplo que confirma a tese de Áries, de que o sentimento de infância não existia entre os medievais, diz respeito a afeição que o pai não podia demonstrar ao filho ao risco de perder sua autoridade, como escreve Montaigne nessa passagem do Marechal Monluc, seu amigo:

O falecido Marechal de Monluc tendo perdido um filho na ilha da Madeira, jovem fidalgo que muito prometia, contava-me sua tristeza insistindo principalmente sobre o fato de nunca ter tido maior intimidade com ele. Para conservar em relação a ele a gravidade e a distância de que as mães das vezes se revestem a autoridade paterna, privara-se voluntariamente do prazer de apreciar e conhecer melhor o seu filho e também de lhe revelar a profunda afeição que lhe votava e a estima que lhe dedicava por suas qualidades: “esse pobre rapaz, dizia, nunca me viu senão carrancudo e aparentemente desdenhoso; levou consigo a crença de que eu não o soube amar nem lhe apreciar os méritos. A quem deveria eu, senão a ele, demonstrar a ternura de meu coração? Com ele sem dúvida devia abrir-me para que tivesse alguma alegria e gratidão. Esforcei-me, torturei-me para conservar essa máscara vã de indiferença; isso me fez perder o prazer de sua companhia, bem como de sua afeição, pois nunca foi senão maltratado e por vezes tiranicamente. (MONTAIGNE, 1984, p. 187).

A dor desse pai enfraquece a crítica à Ariès na disputa para saber se houve ou não sentimentos entre pais e filhos na idade média. A dureza da autoridade paterna, sem a qual a sociedade deixava de existir, não dava ao pai outra alternativa senão sufocar seus sentimentos em relação aos filhos. A relação do pai com o filho mais velho que iria sucedê-lo não era diferente das relações com as crianças, caso contrário a vida em sociedade ficaria ameaçada. Sentimentos que não se manifestam ou que são proibidos de se manifestarem não existem de forma objetiva.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

O remorso do marechal é uma clara demonstração de que as relações entre pais e filhos, naquele momento, não são mais as mesmas tendo em vista as transformações mais profundas que ocorrem na forma de organização social para a produção da existência humana. No auge da sociedade feudal seus valores não eram questionados e só começam a ser quando ela já não consegue garantir a existência dos homens.

Assim como Montaigne, Rabelais também se coloca a favor da nova sociedade, os dois percebem as mudanças a sua volta e expõe sua crítica a antiga educação medieval. A saga de Gargantua e Pantagrue descreve bem esse momento de transição onde o antigo modelo de educação não era satisfatório para atender a formação do novo indivíduo. A obra relata a educação de Gargantua comum à de todos de sua época. Durante todo o dia seu único fazer era comer, beber e dormir. Dessa forma, a preguiça a falta de higiene e a ignorância marcavam a vida de Gargantua.

O pai insatisfeito com tais atitudes e comportamentos e não mediu esforços e nem economia para reverter essa situação e proporcionar ao filho um elevado grau de sabedoria. Assim, confiou o filho a um grande doutor em teologia, Tubal Holofernes, acreditando que dessa forma seria convenientemente educado.

Gargantua aprendeu o alfabeto e a escrever goticamente. No entanto, com o tempo o pai percebeu que apesar de todo o esforço realizado o filho não apresentava grandes mudanças. Esse tempo todo apenas reforçava que seu saber não passava de uma série de tolices que não serviam para nada.

Na tentativa de reeducar o filho e visando agora um novo modelo de educação espelhado nos ensinamentos que eram aplicados em Paris entregou seu filho a um novo preceptor que se incumbiu da educação de Gargantua nos moldes da educação integral que visava formar um novo homem.

O novo preceptor, após conhecê-lo, percebeu que seria necessário que ele se esquecesse de tudo o que aprendera até então com os antigos preceptores e tratou de despertar em

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Gargantua, por meio da convivência, o ânimo e o desejo de estudar. Assim, aos poucos a preguiça e a ociosidade davam lugar à ânsia pela literatura e o saber honesto. A higiene passou a ser fundamental assim como os exercícios físicos e a alimentação.

Neste capítulo, tanto Tocqueville e Durkheim como Montaigne e Rabelais falam de um período muito distante que é o objeto desse estudo, embora os dois primeiros sejam porta-vozes de uma história passada os dois últimos são porta vozes da história enquanto ela acontece. Mas, há algo comum entre eles, o entendimento de que uma nova sociedade nasce para substituir a velha sociedade e que as transformações ocorrem em todas as esferas da vida humana de tal forma que a infância só pode ser entendida nesse conjunto de mudanças e transformações. Foi assim que a grande família feudal, na qual os homens viviam na dependência material um do outro, deu lugar à pequena família burguesa, na qual cada um deverá reproduzir sua própria existência. É assim que historicamente nasce o indivíduo. Passa-se a conhecer todas as etapas do desenvolvimento individual para uma vida independente. A criança é a primeira etapa desse desenvolvimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*As crianças de hoje são informadas,
consumistas, vaidosas e plugadas.*

Buscou-se, no período estudado, mostrar a correspondência entre o sentimento de infância e as transformações no mundo do trabalho que marcam a transição da forma feudal para a forma burguesa. Livre dos laços feudais que colocavam os homens na dependência uns dos outros, a liberdade individual passou a ser o fundamento da nova sociedade e da nova educação. Conseqüentemente, a família deveria preparar os filhos que muito cedo se tornariam independentes dos pais. Assim, os filhos deveriam desenvolver todas as suas forças: física, moral e intelectual para, mais tarde, produzirem

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**
Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

seu próprio sustento. Essa condição histórica cria a necessidade de se preocupar com a infância.

Por outro lado, a preocupação com a infância hoje deve necessariamente ter como ponto de partida de seu entendimento uma condição histórica diferente daquela. A questão que afeta ou deveria afetar os pais na atualidade não é preparar os filhos para o trabalho como garantia de seu sustento, mas preparar os filhos para um mundo sem emprego e sob o império da violência.

Segundo Chade, (2008) de O Estado de São Paulo, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) alerta, mediante a crise financeira, que segundo cálculos realizados pela própria organização o número de desempregados passará pela primeira vez a marca dos 200 milhões de pessoas. “passaremos de 190 milhões de pessoas sem trabalho no início de 2008 para cerca de 210 milhões.” Outra notícia ressalta ainda que o grupo mais afetado será o dos jovens” o relatório aponta que cerca de 10 milhões de jovens latino-americanos entre 15 e 24 anos de idade estão desempregados, o que equivale a 16% do total da força de trabalho nessa faixa etária, que é de 106 milhões de jovens na América Latina. Outros 30 milhões trabalham na economia informal e 22 milhões não estudam não trabalham.” (LÔBO, 2007).

Desse modo, passa-se dos albores da sociedade burguesa para a fase atual de crise tendo em vista a redução global da força de trabalho. A esse respeito o economista americano Jeremy Rifkin publicou o livro *O Fim dos Empregos*, em 1995. O autor desse best-seller causou polêmicas ao analisar o impacto da tecnologia na sociedade atual e anunciar a substituição dos seres humanos pelas máquinas. Além de presidente da Foundation on Economic Trends, em Washington D.C. faz palestras a dirigentes de empresas e administradores seniors de todo o mundo tratando das novas tendências na ciência e na tecnologia.



Rifkin alerta sobre a entrada em uma nova fase da história e chama a atenção para as mudanças enfatizando que a vida está sendo alterada. É uma alteração profunda, de identidade, pois as pessoas, que sempre foram medidas pelo trabalho ou têm seu nome ligado ao trabalho que desempenha, estão perdendo essa identidade.

Rifkin afirma de antemão que a introdução das novas tecnologias na sociedade pós-moderna culmina na exclusão do homem no trabalho. O desemprego é uma ameaça para grande parte do continente europeu e para os países subdesenvolvidos do resto do mundo. Segundo ele, cada vez que um trabalhador perde seu posto de trabalho para a máquina nunca mais ele terá seu posto novamente. A robótica, o processamento de dados, as telecomunicações e as demais tecnologias, chamada por ele de terceira revolução industrial, substituem os homens. Segundo Rifkin, “estima-se que cada robô substitua quatro empregos na economia e, se usado constantemente, 24 horas por dia, se pagará em apenas pouco mais de um ano. Em 1991, segundo a Federação Internacional de Robótica, a população mundial de robôs era de 630 mil. Esse número deverá aumentar nas próximas décadas, à medida que máquinas pensantes tornarem-se mais inteligentes, versáteis e flexíveis. (RIFKIN, 1995. p. 16).

A verdade é que com a introdução da tecnologia as vagas desaparecem e é cada dia mais nítido o declínio dos empregos. As máquinas inteligentes estão substituindo seres humanos em múltiplas tarefas. O autor alerta que milhões de trabalhadores já foram definitivamente eliminados do processo econômico e cita uma série de funções e empregos do setor terciário que já foram a ou estão aos poucos sendo substituídos pela automação. Como é o caso dos bibliotecários substituídos pelo sistema de busca eletrônica executando o serviço que o leitor deseja e com rapidez e precisão.

Com a mesma perspectiva sobre o trabalho, o sociólogo italiano Domenico de Masi, autor de diversos livros e um dos mais polêmicos entre os pensadores da era pós-industrial, reafirma a tese de Rifkin ao mostrar as tristes estimativas a respeito do cenário mundial do desemprego:

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

No primeiro mundo, “trabalham” mais ou menos 20% da população. No Terceiro Mundo, os “trabalhadores” não atingem a dez por cento. Em suma, dos quase seis bilhões de habitantes do planeta, os considerados “trabalhadores” não chegam a um bilhão. Os outros cinco bilhões são crianças, velhos, pensionistas e aposentados, donas de casa que cuidam da família, jovens que estudam e pessoas que vivem em busca do que fazer para sobreviver – se pobres- ou tentando matar o tempo – se herdeiros de fortunas. (DE MASI, 2001, p.13).

De Masi não descarta que a sociedade sem trabalho realmente assusta, mas centra suas análises sobre questões do ócio. A escassez de trabalho abre possibilidades para o debate sobre o tempo livre. Para ele, numa sociedade onde as pessoas não têm trabalho terão cada vez mais tempo livre, que funcionará como a “oficina do diabo” se não for ocupado com criatividade. “A redução do trabalho é traduzida em desocupação; o tempo livre é traduzido em consumismo, enfado, malandragem, violência...” (DE MASI, 2001, p. 226).

Tal fato repercute drasticamente no elevado e espantoso aumento de desempregados e conseqüentemente na redução do poder aquisitivo da população mundial. A mesma tecnologia que estimula o crescimento e o aumento de produção diminuindo prazo e custo, conseqüentemente, conduz a expropriação do homem que são substituídos com muitas vantagens. Enquanto isso, a sociedade assiste a uma crescente incidência de criminalidade e violência. O desespero, a falta de esperança e expectativa de trabalho ameaça a ordem. O tempo livre acaba sendo utilizado em favor da criminalidade.

William Bridges é um orador conhecido internacionalmente pelo seu talento em lidar com as transformações que vem ocorrendo no mundo do trabalho. É o guru, por assim dizer, dos consultores empresariais. Assim como Rifkin, Bridges 1995, mostra que a realidade é muito mais preocupante, porque o que está desaparecendo hoje não é apenas certo número de empregos, ou empregos em certas áreas econômicas, ou empregos de alguma parte do país – ou até mesmo empregos nos Estados Unidos como um todo. O que está desaparecendo é a coisa em si: o emprego. Sua preocupação, no entanto, não é com a humanidade, mas com o indivíduo, ensinando-o como alcançar o sucesso entre poucos.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Bridges sai pelo mundo mostrando uma série de regras as quais considera fundamental nesse processo de mudanças para manter o emprego no século XXI. Assim, em seu livro *Um Mundo Sem Empregos*, ele mostra como prosperar num mundo desprovido de empregos. Ele chama a atenção dizendo que é preciso deixar de ficar se lamentando e sair na frente para encarar a mudança com a mentalidade voltada à inovação. Dessa forma, o trabalhador deve estar preparado para as mudanças e segundo o próprio autor “dançar conforme a música”.

A literatura que trata do fim do trabalho, como querem uns, ou do fim do emprego, como querem outros, é vasta; os números são assustadores, mas o objetivo desse estudo não é esgotar esse assunto e sim mostrar uma outra perspectiva de análise da infância que não seja a criança pela criança.

Enquanto as mudanças se processam e podem ser vistas a “olho nu”, a infância, que é o objeto deste estudo, passa por profundas transformações, apresentando-se distinta quando comparada às gerações anteriores. Hoje, o acesso a vários níveis de informações e a conteúdos tecnológicos põe a criança tanto quanto o adulto em contato direto com esse lado perverso da sociedade de trabalhadores sem trabalho. Não existem mais assuntos de adultos que não sejam do conhecimento das crianças. Os pais perderam o controle sobre seus filhos e em muitos casos não sabem mais como agir.

Assim, se no início da sociedade burguesa os pais encaminhavam os filhos para o trabalho, sabendo que mais tarde ele deveria produzir sua existência, hoje a realidade é outra. Como preparar um filho para um mundo sem emprego? Quais as perspectivas de pais e adolescentes diante dessa realidade? Os jovens de hoje não mostram mais expectativas de vida no futuro. O que mais se propaga hoje é a idéia de se viver intensamente o momento presente. O amanhã se torna algo incerto. E a infância, neste contexto, acaba perdendo a pureza com a qual se identificou no passado. Não só está perdendo a pureza como à infância está desaparecendo, explica Postman. “A criança de hoje é o adulto de ontem”, diz um internauta.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009

Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Para finalizar, conclui-se que os tempos são outros. O mundo mudou e dessa perspectiva as crianças também não são mais as mesmas. É nítida a diferença entre ser criança na sociedade moderna e ser criança em épocas históricas anteriores. Assim como é nítida a diferença entre a preocupação com a infância no período estudado e as preocupações hoje. Daí a importância de se estudar a criança na totalidade do processo de transformação social para apreendê-la no seu vir-a-ser. Essa é a condição básica para conhecer o universo dessa nova criança, entrar em sintonia e aprender com ela. Em geral, acontece o contrário, estuda-se a criança pela criança com o objetivo de buscar respostas imediatas para os seus problemas. Assim, no lugar de ver a criança como ela é - em processo de mudança e diferente do que foi no passado - parte-se em busca da infância perdida, saudosos das brincadeiras e traquinices de sua própria infância que tentam resgatar, não sem gerar mais conflitos entre gerações.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe.(1981). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar.

BADINTER, Elisabeth.(1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BRIDGES, William.(1995). *Um Mundo sem Empregos*. São Paulo: Makron Books.

CASTRO, Michele Guedes Bredel de.(2008). *Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções*. Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ Disponível em <http://www.alb.com.br/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf>. Acesso em: 20 Out.2008.

CHADE, Jamil.(2008). *Crise vai gerar 20 milhões de desempregados até 2009, diz OIT*. O Estado de São Paulo.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

COSTA, Ricardo da. *Educação Infantil na Idade Média*. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em [http:// < www.hottopos.com/videtur17/ricardo.htm](http://www.hottopos.com/videtur17/ricardo.htm) - 47k > Acesso em: 15 out. 2008.

DE MASI, Domenico.(2001). *O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial*. 6. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio. 2001.

DURKHEIN, Emile.(1995). *A Evolução Pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

FERREIRA, Aurélio Buarque De Holanda.(1998) *Dicionário Aurélio Escola da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

GLOCKLER, Michaela.(2001). *Que fim levou nossa infância?* I Encontro da Aliança pela Infância no Brasil. Palestra proferida pela Dra na sede da Associação de Palas Athena, São Paulo. Disponível em [http:// < www.aliancapela infancia.org.br/biblioteca/textos/detalhe](http://www.aliancapela infancia.org.br/biblioteca/textos/detalhe) >. Acesso em: 12 Jul. 2008.

HEYWOOD, Colin.(2004). *Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed,.

KUHLMANN, Moysés Jr.(2005). *Uma história da Infância: da Idade Média a época Contemporânea no Ocidente*. Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas. São Paulo. Disponível em [http:// < www.scielo.br/scielo.php?script=sci](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci) > Acesso em: 15 out. 2008.

LÔBO, Irene.(2007). *Relatório mostra que há mais de 10 milhões de desempregados na América Latina*. Disponível em [http:// < www.agenciabrasil.gov.br/noticias](http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias)>. Acesso em: 22 nov. 2008.

MARX, Karl.(1982). *A Chamada Acumulação Primitiva*. In *O Capital: Crítica da Economia Política*. São Paulo. Difel. 8ª ed. Livro Primeiro, V.2.

MONTAIGNE, M. (1984). *Ensaio*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção: Os Pensadores)

MONTAIGNE, M.(1987). *Da afeição dos pais pelos filhos*. São Paulo. Nova Cultural. (Coleção: Os Pensadores).

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

RABELAIS, F.(1986). *Gargantua*. São Paulo: Editora Hucitec.

RIFKIN, Jeremy.(1995). *O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. São Paulo: Makron Books.

ROUSSEAU, Jean-Jacques.(2004) *Emílio , ou da educação*; tradução: Roberto Leal Ferreira - 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

SMITH, Adam.(1983). *A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção: Os Economistas).

STRÔHERS, Carlos Eduardo. KREMER, Cássia Simone . *A infância na Idade Média(séc. XIV ao XVI): discussões pertinentes*. Disponível em <http://www.unioeste.br>>. Acesso em: 22 nov. 2008.

TOCQUEVILLE, Alexis de.(1998). *A Democracia na América*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566